

ÍTEGRA

“Estamos em outra etapa de crescimento”

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (RJ):

Esta é uma campanha duplamente pioneira, ela é símbolo da industrialização brasileira, já faz muito tempo e as datas foram aqui referidas. Em outro momento da história do Brasil, foi preciso que houvesse um conjunto de pessoas dispostas e decisões corajosas para que nós sonhássemos em ter uma companhia siderúrgica no Brasil. Para isso, os que conhecem um pouco a história não pode deixar de mencionar pelos menos dois nomes. Ao mencioná-los eu presto homenagem ao conjunto de brasileiros que teve o descortínio de perceber que o Brasil mudava de padrão, que começava a ser um país que se industrializava para valer.

O presidente da República de então, Getúlio Vargas, teve que desenvolver uma estratégia complexa. Os que lerem os livros de história sabem que foi preciso, no momento em que nós estávamos nos aproximando da Segunda Guerra Mundial, a astúcia da política externa, para fazer de conta que íamos fechar um acordo com a Knupp da Alemanha, para assim forçar a United States Steel Corporation e o governo americano a cederem na possibilidade de empréstimo do Eximbank para permitir que houvesse um alto forno no Brasil. Porque, naquela época, o que se dizia é que o Brasil era muito bom para importar produtos, e que não tinha mercado suficiente para produzi-los. E foi preciso toda uma estratégia política complexa e uma decisão de governo para que fosse, então, induzido o acordo com o governo americano que permitiu, através da concessão de um empréstimo, a possibilidade do início dessa siderúrgica.

E o outro nome que eu quero mencionar como homenagem, é o general Macedo Soares, que foi o primeiro grande inspirador e organizador dessa empresa numa época em que havia muito mais dificuldades. Ainda hoje, vindo com o governador Marcelo Alencar ao olhar essa enorme quantidade de edifícios, eu dizia: imagina que esforço formidável, pensar que algum dia fosse possível ter plantado, aqui, em Volta Redonda, aqui em cima, no Estado do Rio de Janeiro, uma indústria deste porte. Imaginem isso no fim dos anos 30 e no início dos anos 40, quando o Brasil era

um país basicamente agrícola, onde 70% da população, pelo menos, vivia nos campos.

Não havia sequer articulação do Norte com o Sul e o Oeste do Brasil era uma fronteira desconhecida. Não era fácil imaginar tudo isso. E, por certo, não bastariam a competência e a astúcia de Vargas, o denodo e a capacidade organizacional de Macedo Soares para construir esse empreendimento. Era preciso que houvesse trabalhadores. A voz — como disse o nosso presidente há pouco, (...) a voz de muitos dos senhores que vieram, aqui, trabalhar nesses fornos.

E só quem andou perto deles sabe o que significa o suor do rosto de quem trabalha num forno. É numa época em que não se tinha, como se tem hoje, nem sequer a possibilidade de prever, em termos de engenharia, em termos de organização, uma situação de maior segurança para o trabalhador.

E, portanto, essa obra que aqui está, o resultado de um esforço muito grande, de um país, de um povo, de gente que decidiu crescer, que decidiu plantar aqui no sul na América do Sul, uma civilização de base industrial. Este pioneirismo, esta vontade de realmente mudar as coisas, e que serve de inspiração para aqueles que, hoje, tem a responsabilidade, como nós todos temos, de noutra etapa do Brasil seguir adiante com o mesmo espírito.

Os pobres de espírito não percebem, muitas vezes, quando as etapas mudam. E pensam que é preciso manter intocado aquilo que os nossos pioneiros, os nossos maiores plantaram. Mas a verdadeira homenagem que se presta àqueles que sonharam com o Brasil industrializado, é de perceber, na nova fase do mundo, quais são as possibilidades de seguir adiante com essa industrialização e com as transformações da sociedade.

E, aqui sim, os senhores — e aí eu me refiro diretamente aos trabalhadores e aos sindicatos — foram pioneiros no Brasil, porque se arriscaram a fazer aquilo que muita gente temia, é até com razão, porque a incerteza sempre existe. Participar de um processo de privatização.

Eu acompanhei mais ou menos de perto essa decisão e sei, também, das dificuldades, das dúvidas que nós todos tínhamos: vai dar certo? Até que ponto será possível? É isto que vai destruir a possibilidade de um passo

maior no Brasil amanhã. E qual vai ser, de fato, a participação dos trabalhadores? E os grupos que virão? Serão nacionais? Serão estrangeiros? Vamos desnacionalizar a nossa indústria? Vamos fazer com que haja desemprego? Não é fácil tomar decisões, porque sempre se tem um marco de incertezas.

Mas é preciso ter fé, crença, coragem e competência para fazer o que é necessário em cada momento da História. E os senhores tiveram essa coragem, essa competência e essa fé, e aqui está essa companhia, hoje. Companhia que continua avançando. Não me referirei a dado algum, porque os dados já foram mencionados pelo presidente do conselho da empresa.

Mas os senhores sabem, melhor do que ninguém: ela continua avançando, e neste avanço não houve perda de participação dos trabalhadores, ao contrário, no controle das decisões da empresa, ela foi pioneira. É a maior empresa privada nacional. Pois o que significa hoje dizer privada? Tem que significar cada vez mais não a propriedade de uma pessoa, de um grupo, mas uma coalizão de grupos e de governo e, sobretudo, uma participação crescente e mais ativa dos trabalhadores e dos empregados.

Há dificuldades? Por certo que há. Os salários são adequados? Nunca são, num país como o nosso. É sempre necessário mais. É preciso fazer uma co-relação entre o possível e o desejável, e não ficarmos só no possível, insistir um pouquinho mais para que o desejável se aproxime do possível. Mas é preciso saber, também, que nesse esforço crescente nós vamos ter que buscar fórmulas novas de distribuição dos frutos do progresso econômico.

Eu fui um dos autores da lei, que mais tarde foi transformada em Medida Provisória, pelo presidente Itamar e agora por mim de novo, da participação dos trabalhadores no lucro das empresas. É preciso avançar nessa direção. É preciso avançar, compensar, muitas vezes, a impossibilidade de um ajuste salarial, por uma perspectiva de melhores recursos distribuídos através da participação nos lucros.

Será isso impossível? Porque impossível, se nos países mais industrializados — e continuam avançando — isso está sendo realizado num ambiente, que é um ambiente de convergência? Por certo, com conflito, por certo com discórdia, porque o mundo

moderno não é o mundo dos que dizem sim, dos que dizem amém a tudo. Não. É o mundo em que cada um coloca a sua posição com dignidade, com firmeza, mas também com o propósito de sentar-se numa mesa de negociação e de chegar-se a um resultado, que mantenha a base produtiva, sem a qual nada avançará e, que permita, progressivamente, um maior bem-estar da população e do seu entorno.

Nesse aspecto também, os senhores são pioneiros, e as senhoras por certo. É, nesse aspecto, também, que o pioneirismo dessa companhia se faz sentir, é muito forte, quando eu vejo os resultados mencionados pelo dr. Bejamin a respeito do entorno da companhia. Uma companhia que passa, de novo, a servir a comunidade, a aumentar uma quantidade de empregos e a prestar atenção ao meio ambiente. É que vai buscar o ISO 14000, e que quer ter o cinturão verde, quer mostrar aos brasileiros e ao mundo que é possível progredir sem destruir o meio ambiente.

É isto é fundamental. Fundamental para que nós possamos ter um futuro mais prazeroso para todos os brasileiros e os nossos descendentes. Eu tenho muita confiança no Brasil. E vejo essa confiança renovada, hoje, aqui. Renovada nessa empresa e na que vamos inaugurar. Mais um passo na direção do progresso industrial do nosso país.

Eu há pouco estive na Amazônia, na semana passada. Fui lá para as fronteiras com a Colômbia, a 1.500 Km de Manaus, para verificar se lá, também, na nossa fronteira existia um pelotão do Exército, várias tribos indígenas. E estava lá uma escola ensinando em várias línguas, entre elas o português e o tucano. E não por ser eu tucano, mas porque lá é uma região habitada por tucano, índios tucanos. E lá na escola se aprendia em várias línguas. Lá longe, no Brasil. E fui lá para dizer que depois de muitos anos, quando o Brasil quase esqueceu que tinha que crescer a sua economia, nós estamos dando início lá, a exploração do gás de Urucu, com a Petrobrás associada com várias empresas, para ter energia elétrica em Manaus, para ter energia elétrica no Pará. E, mesmo, mais ao Sul, na Rondônia.

E fui lá para dizer que nós estamos fazendo uma estrada, a 174, que vai permitir uma abertura do Brasil para o Caribe; para poder dar sentido à

produção, para a Zona Franca de Manaus. E para dizer que, aquilo que nunca tinha sido feito, que é uma linha de transmissão permitindo que o povo do Pará usufruísse da energia produzida em Tucuruí, que era usada apenas para produzir o alumínio, pudesse ser também, através de um novo linhão, utilizada para enriquecer uma faixa imensa do Pará, que necessita de mais energia.

E fui também dizer que nós já estamos com uma nova hidrovia, que a história do Madeira, que vai dar vão à produção que se faz na Rondônia e no Mato Grosso, que vai passar através de chatas que vão subir o rio Madeira, desembocar no rio Amazonas. Já há um porto feito, a ser inaugurado em setembro, um terminal graneleiro para exportar soja pelo mundo, cortando pelo preço do frete pela metade. É um Brasil novo, que depende muito de nós todos, da confiança que nós tenhamos em nós próprios e na nossa capacidade de decidir e de enfrentar as dificuldades. De dizer não quando for necessário, mas com a certeza que esse não é provisório, porque amanhã teremos um Brasil mais forte e um Brasil mais capaz de abrigar melhor seu povo.

Nós estamos numa nova etapa do crescimento do Brasil. Eu mencionei a Amazônia, mas poderia mencionar vários outros empreendimentos, que são em massa. E um eu quero mencionar aqui, que é o porto de Sepetiba, que vai, sim, ser feito. E, dentro de poucas semanas, vamos dar os recursos necessários ao governador Marcello Alencar. Esse porto é vital, até mesmo para CSN, porque ele vai permitir uma multiplicação imensa de transporte de riqueza para esse Estado do Rio de Janeiro.

E não é só o porto de Sepetiba, não. Estamos discutindo um pólo de gás químico no Rio de Janeiro. Vamos fazê-lo, e o governador sabe disso. Estamos multiplicando os serviços telefônicos com investimentos de algumas centenas de milhões de reais. E se falo do Rio de Janeiro, poderia dizer o mesmo sobre cada Estado do Brasil. Porque o Brasil, depois de uma catástrofe inflacionária de corrupção, desmando, incapacidade dos governantes terem a coragem de olhar cara a cara o trabalhador, tem rumo. Este rumo vai ser mantido com o nosso esforço e de todos os brasileiros. É o Brasil confiante, o Brasil que sabe sim que há injustiça, sabe sim que há pobreza, miséria, ignorância e

doença, mas sabe, também, que já estamos preparando os caminhos para que isso seja amenizado e que, para que a despeito de todas as dificuldades, de todas as incompreensões, nós continuemos criando um Brasil mais solidário.

É por isso, senhor presidente da companhia, senhor governador, senhores ministros, senhores representantes dos empregados, senhores diretores, que eu estou aqui para reanimar-me, para encher-me outra vez, mais uma vez, de confiança na certeza de que, aquilo que nós sonhamos muitas vezes nas nossas decisões em Brasília, na nossa infundável discussão com o Congresso Nacional, pedindo que façam o que é necessário fazer, que tenha coragem de assumir responsabilidade, e explicar o povo porque é que se tomou a decisão.

Neste momento, ao vir aqui, eu me encho novamente de entusiasmo e, tenho certeza, de que nós, juntos, vamos continuar levando este Brasil para a frente. E esta Companhia Siderúrgica Nacional é, de novo, como foi há cinquenta anos, um marco de um Brasil vigoroso, crente em si mesmo e, sobretudo, um Brasil que tem certeza que não basta o progresso, que além do progresso, nós precisamos de justiça e que a justiça virá com o esforço coletivo.

Eu os felicito e agradeço, e digo aos senhores, continuem firmes. No que depender do presidente da República, as medidas que foram necessárias, sendo justas, quaisquer que sejam as dificuldades, nós vamos lutar para obtê-las. Poderemos conseguir ou não, mas nós não vamos esmorecer, porque nós sentimos que está na hora, como foi no fim anos 30 e nos anos 40, quando se deu a arrancada para a industrialização, que está na hora de uma nova etapa dessa industrialização e, que sem ela o Brasil não vai para diante, mas que com ela, com o esforço dos senhores e de todos nós, nós vamos dar mais um passo, definitivo desta vez, para que o Brasil possa inserir-se no contexto internacional, de uma maneira autônoma, segundo os seus interesses, mas realista, entendendo qual é o momento e tomando as decisões pertinentes, para que nós não percamos mais uma oportunidade histórica.

É para esta aventura, que já não é mais aventura, é uma quase certeza, que eu vim aqui para lhes dizer: vamos juntos que nós vamos vencer. Muito obrigado.”